

LITERATURA BRASILEIRA  
Textos literários em meio eletrônico  
Gregório de Matos

Texto-fonte: Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição,  
Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

Crônica do Viver Baiano Seiscentista

**Índice**

A CIDADE E SEUS PÍCAROS

OS SEUS DOCES EMPREGOS

VIO HUMA MANHÃA DE NATAL AS TRES IRMÃAS, A CUJAS VISTAS FEZ AS  
SEGUINTE DÉCIMA.

AO MESMO ASSUMPTO.

AO MESMO ASSUMPTO

PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A FORMOSURA DE D. ANGELA.

RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DE SUA SENHORA A IMITAÇÃO DE OUTRO  
SONETO QUE FEZ FELIPPE IV À HUMA DAMA SOMENTE COM TRADUZI-LO NA  
LINGUA PORTUGUEZA

NO DIA EM QUE FAZIA ANOS ESTA DIVINA BELLEZA; ESTE PORTENTO DE  
FORMOSURA DONA ANGELA, POR QUEM O POETA SE CONSIDERAVA  
AMOROSAMENTE PERDIDO, E QUASI SEM REMEDIO PELA GRANDE  
IMPOSSIBILIDADE DE PODER LOGRAR SEUS AMORES: CELEBRA OBSEQUIOSA, E  
PRIMOROSAMENTE SUAS FLORENTES PRIMAVERAS COM ESTA LINDISSIMA  
CANÇÃO.

ROMPE O POETA COM A PRIMEYRA IMPACIENCIA QUERENDO DECLARAR-SE E  
TEMENDO PERDER POR OUZADO.

SEGUNDA IMPACIENCIA DO POETA.

FALLA O POETA COM SUA ESPERANÇA.

AUSENTE O POETA DAQUELLA CASA, FALLECEO D. THEREZA HUA DAS IRMÃS, E  
COM ESTA NOTICIA SE ACHOU O POETA COM VASCO DE SOUZA A PEZAMES,  
ONDE FEZ O PRESENTE SONETO.

EPITAFIO À MESMA BELLEZA SEPULTADA.

LIZONGEA O POETA A VASCO DE SOUZA FAZENDO EM SEU NOME ESTA  
LACRIMIMOSA NENIA.

LIZONGEA OS SENTIMENTOS DE DONA VICTORIA COM ESTE SONETO FEYTO EM SEU NOME.

LIZONGEA O SENTIMENTO DE FRANCISCO MONIZ DE SOUZA SEU IRMÃO FAZENDO EM SEU NOME ESTE SONETO.

PERTENDE O POETA CONSOLAR O EXCESSIVO SENTIMENTO DE VASCO DE SOUZA COM ESTE SONETO

A VISTA DO EXCESSO DE VASCO DE SOUZA PONDERA O POETA, QUE O VERDADEIRO AMOR, AINDA TIRADA A CAUSA NÃO CESSA NOS EFEITOS, CONTRA A REGRA DE ARISTOTELES.

LIZONGEA FINALMENTE O POETA COM ESTAS MORALIDADES TRISTES DE HUMA VIDA FLORECENTE PELAS FRIAS VOGES DAQUELLA SEPULTADA BELLEZA SUA FORMOSAS IRMÃAS, AVIVANDOLHE OS MOTIVOS DA DOR.

DESTA VEZ SE DEIXOU O POETA ESQUECER NAQUELLA CASA, ESPERANDO OCCASIÃO DE DECLARAR SE, E SEMPRE SE ACOBARDOU A VISTA DA CAUSA, SEMPRE EM LUTAS COM O AMOR, E RESPEYTO.

ADMIRAVEL EXPRESSÃO QUE FAZ O POETA DE SEU ATENCIOSO SILENCIO.

TERCEIRA IMPACIENCIA DOS DESFAVORES DE SUA SENHORA.

ENCARECE O POETA A GRAÇA E A BIZARRIA COM QUE SUA SENHORA DESEMBARCOU A SEUS OLHOS E FOY LEVADA POR QUATRO ESCRAVOS.

OUTRA VEZ O ASSALTÃO NOVOS PENSAMENTOS DE DECLARAR-SE, E TEMER.

A VISTA DE HUM PENHASCO QUE VERTENDO FRIGIDISSIMAS AGUAS LHE CHAMÃO NO CAIPE A FONTE DO PARAIZO, IMAGINA AGORA O POETA MENOS TOLERAVEL A SUA DISSIMULAÇÃO.

COM O EXEMPLO DO LACRIMOSO PENHASCO ENTRA A SUSPIRAR, FAZ PAUSA, E RESOLVE ULTIMAMENTE A PROSEGUIR, RESGATANDO O SILENCIO A NOBREZA DA CAUSA.

EM CONTRAPOSIÇÃO DO QUE RESOLVEO, SE ENTREGA O POETA NOVAMENTE AO SILENCIO, RESPEYTANDO, A QUE OS SUSPIROS POSTO QUE CONSOLÃO, NÃO ALLIVIAO POR MENOS NOBRES.

PORFIA O POETA EM LOUVAR SEU NECESSARIO SILENCIO, COMO QUEM FAZ VIRTUDE DA NECESSIDADE.

PERTENDE AGORA PERSUADIR A HUM RIBEYRINHO A QUE NÃO CORRA, TEMENDO, QUE SE PERCA: QUE HE MUY PROPRIO DE HUM LOUCO ENAMORADO QUERER QUE TODOS SIGAM O SEU GAPRICHU. E RESOLVE A COBIÇARLHE A LIBERDADE.

SOLITARIO EM SEU MESMO QUARTO A VISTA DA LUZ DO CANDIEIRO PORFIA O POETA ENSAMENTEAR EXEMPLOS DE SEU AMOR NA BARBOLETA.

RATIFICA SUA FIDALGA RESOLUÇÃO TIRANDO DENTRE SALAMANDRA E BARBOLETA O MAIS SEGURO DOCUMENTO PARA BEM AMAR.

AO RIO DE CAIPPE RECORRE QUEYXOSO O POETA DE QUE SUA SENHORA ADMITTE POR ESPOSO OUTRO SUJEITO.

IMAGEM SINGULAR DE SUA DESESPERADA PAYXAO, VENDENDO QUE SUA SENHORA SEM EMBARGO DE RECEBERLHES SEUS AMOROSOS DIVERTIMENTOS, ACEYTAVA EM CASAMENTO HUM SUGEYTO MUYTO DA VONTADEDE DE SEUS PAYS: MAS NEM ESTAS, NEM OUTRAS OBRAS OUSAVA ELLE A CONFIAR MAIS QUE DO SEU BAUL.

CHORA O POETA A ULTIMA RESOLUÇÃO DE SEU IDOLATRADO IMPOSSIVEL TAM MERECEDORA DESTES DELICADOS VERSOS.

CHORA O POETA DE HUMA VEZ PERDIDAS ESTAS ESPERANÇAS.

VAGAVA O POETA POR AQUELLES RETIROS FILOSOFANDO EM SUA DESDITA SEM PODER DESAPEGAR AS HARPIAS DE SEU JUSTO SENTIMENTO.

AO PÉ DAQUELLE PENHASCO LACRIMOSO QUE JA DICEMOS PERTENDE MODERAR SEU SENTIMENTO, E RESOLVE, QUE A SOLEDADE Ó NÃO ALIVIA.

### III - A CIDADE E SEUS PÍCAROS

Quando escrevo para todos  
que não falo em cultos modos,  
mas em frase corriqueira

Os doutos estão nos cantos  
os ignorantes na Praça

Eu não me quero emendar,  
pois faço versos em rimas,  
e às unhas os sujeito  
de quem os corta, e belisca.

### OS SEUS DOCES EMPREGOS

#### 1 - ÂNGELA

Pertende o Poeta casar-se com esta Senhora, e por se achar alcançado em annos, e abatido em bens, Introduzio amizade com seo Irmão o Capitão Francisco Moniz de Souza fazendo especial menção delle na festa das virgens e depois com hum soneto, e varias obras pertendendo assim introduzir-se naquella casa. Posto com effeyto nella, vio huma manhã de Natal as tres Irmãs, a cuyas vistas fez as seguintes décimas

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

que digo eu? este mundo inteiro  
namorei eu tão primeiro,  
que nisto de namorar  
podeis vós comigo estar  
a soldada de Escudeiro.

são feias, mas são mulheres

### VIO HUMA MANHÃ DE NATAL AS TRES IRMÃAS, A CUJAS VISTAS FEZ AS SEGUINTE DECIMAS.

- 1 Numa manhã tão serena  
como entre tanto arrebol  
pode caber tanto sol  
em esfera tão pequena?  
quem aos pasmos me condena  
da dúvida há de tirar-me,  
e há de mais declarar-me,  
como pode ser ao certo

estar eu hoje tão perto  
de três sóis, e não queimar-me.

- 2 Onde eu vi duas Auroras  
com tão claros arrebóis,  
que muito visse dois sóis  
nos raios de três Senhoras:  
mas se as matutinas horas,  
que Deus para aurora fez,  
tinham passado esta vez,  
como pode ser, que ali  
duas auroras eu vi,  
e os sóis eram mais de três?
- 3 Se lhes chamo estrelas belas,  
mais cresce a dificuldade,  
pois perante a majestade  
do sol não luzem estrelas:  
seguem-se-me outras seqüelas,  
que dão mais força à questão,  
com que eu nesta ocasião  
peço à Luz, que me conquista,  
que ou me desengane a vista,  
ou me tire a confusão.
- 4 Ou eu sou cego em verdade  
e a luz dos olhos perdi,  
ou tem a luz, que ali vi,  
mais questão, que a claridade:  
cego de natividade  
me pode o mundo chamar,  
pois quando vim visitar  
a Deus em seu nascimento,  
me aconteceu num momento,  
vendo a três luzes, cegar.

#### **AO MESMO ASSUMPTO.**

Debuxo singular, bela pintura,  
Adonde a Arte hoje imita a Natureza,  
A quem emprestou cores a Beleza,  
A quem infundiu alma a Formosura.

Esfera breve: aonde por ventura  
O Amor, com assombro, e com fineza  
Reduz incompreensível gentileza,  
E em pouca sombra, muita luz apura.

Que encanto é este tal, que equivocada  
Deixa toda a atenção mais advertida  
Nessa cópia à Beleza consagrada?

Pois ou bem sem engano, ou bem fingida

No rigor da verdade estás pintada,  
No rigor da aparência estás com vida.

### **AO MESMO ASSUMPTO**

Vejo-me entre as incertezas  
de três Irmãs, três Senhoras,  
se não três sóis, três auroras,  
três flores, ou três belezas:  
para sóis têm mais lindezas  
que aurora mais resplendor,  
muita graça para flor,  
e por final conclusão  
três enigmas do Amor são,  
mais que as três cidras do Amor.

### **PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A FORMOSURA DE D. ANGELA.**

Não vi em minha vida a formosura,  
Ouvia falar nela cada dia,  
E ouvida me incitava, e me movia  
A querer ver tão bela arquitetura.

Ontem a vi por minha desventura  
Na cara, no bom ar, na galhardia  
De uma Mulher, que em Anjo se mentia,  
De um Sol, que se trajava em criatura.

Me matem (disse então vendo abraçar-me)  
Se esta a cousa não é, que encarecer-me.  
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-me)  
Se a beleza hei de ver para matar-me,  
Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

### **RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DE SUA SENHORA A IMITAÇÃO DE OUTRO SONETO QUE FEZ FELIPPE IV À HUMA DAMA SOMENTE COM TRADUZI-LO NA LINGUA PORTUGUEZA**

Se há de ver-vos, quem há de retratar-vos,  
E é forçoso cegar, quem chega a ver-vos,  
Se agravar meus olhos, e ofender-vos,  
Não há de ser possível copiar-vos.

Com neve, e rosas quis assemelhar-vos,  
Mas fora honrar as flores, e abater-vos:  
Dois zéfiros por olhos quis fazer-vos,  
Mas quando sonham eles de imitar-vos?

Vendo, que a impossíveis me aparelho,

Desconfiei da minha tinta imprópria,  
E a obra encomendei a vosso espelho.

Porque nele com Luz, e cor mais própria  
Sereis (se não me engana o meu conselho)  
Pintor, Pintura, Original, e Cópia.

**NO DIA EM QUE FAZIA ANOS ESTA DIVINA BELLEZA; ESTE PORTENTO DE  
FORMOSURA DONA ANGELA, POR QUEM O POETA SE CONSIDERAVA  
AMOROSAMENTE PERDIDO, E QUASI SEM REMEDIO PELA GRANDE  
IMPOSSIBILIDADE DE PODER LOGRAR SEUS AMORES: CELEBRA OBSEQUIOSA, E  
PRIMOROSAMENTE SUAS FLORENTES PRIMAVERAS COM ESTA LINDÍSSIMA  
CANÇÃO.**

1 Pois os prados, as aves, as flores  
ensinam amores,  
carinhos, e afetos:  
venham correndo  
aos anos felizes,  
que hoje festejo:  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem atentos  
as aves canoras  
as flores fragrantas  
e os prados amenos.

2 Pois os dias, as horas, os anos  
alegres, e ufanos  
dilatam as eras;  
Venham depressa  
aos anos felizes,  
que Amor festeja.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem deveras  
os anos fecundos,  
os dias alegres,  
as horas serenas.

3 Pois o Céu, os Planetas, e Estrelas  
com Luzes tão belas  
auspiciam as vidas,  
venham luzidas  
aos anos felizes  
que Amor publica.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem um dia  
a esfera imóvel,  
os astros errantes,  
e as estrelas fixas.

4 Pois o fogo, água, terra, e os ventos  
são quatro elementos,  
que alentam a idade,

venham achar-se  
aos anos felizes  
que hoje se aplaudem.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem constantes  
a terra florida,  
o fogo abrasado,  
o mar furioso,  
e as auras suaves.

### **ROMPE O POETA COM A PRIMEYRA IMPACIENCIA QUERENDO DECLARAR-SE E TEMENDO PERDER POR OUZADO.**

Anjo no nome, Angélica na cara,  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,  
Ser Angélica flor, e Anjo florente,  
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara  
De verde pé, de rama florescente?  
E quem um Anjo vira tão luzente,  
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,  
Fôreis o meu custódio, e minha guarda  
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,  
Posto que os Anjos nunca dão pesares,  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

### **SEGUNDA IMPACIENCIA DO POETA.**

Cresce o desejo, falta o sofrimento,  
Sofrendo morro, morro desejando,  
Por uma, e outra parte estou penando  
Sem poder dar alívio a meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,  
Está-me um gesto grave acobardando,  
E tenho por melhor morrer calando,  
Que fiar-me de um néscio atrevimento.

Quem pertende alcançar, espera, e cala  
Porque quem temerário se abalança,  
Muitas vezes o amor o desiguala.

Pois se aquele, que espera sempre alcança,  
Quero ter por melhor morrer sem fala,  
Que falando, peder toda esperança.

## **FALLA O POETA COM SUA ESPERANÇA.**

Não te vás, esperança presumida,  
A remontar a tão sublime esfera,  
Que são as dilações dessa quimera  
Remora para o passo desta vida.

Num desengano acaba reduzida  
A larga propensão, do que se espera,  
E se na vida o adquirir te altera,  
Para penar na morte te convida.

Mas voa, inda que breve te discorres,  
Pois se adoro um desdém, que é teu motivo,  
Quando te precipitas, me discorres.

Que ne obriga meu fado mais esquivo,  
Que se eu vivo da causa, de que morres,  
Que morras tu da causa, de que vivo.

## **AUSENTE O POETA DAQUELLA CASA, FALLECEO D. THEREZA HUA DAS IRMÃS, E COM ESTA NOTICIA SE ACHOU O POETA COM VASCO DE SOUZA A PEZAMES, ONDE FEZ O PRESENTE SONETO.**

Astro do prado, Estrela nacarada  
Te viu nascer nas margens do Caípe  
Apolo, e todo o coro de Aganipe,  
Que hoje te chora rosa sepultada.

Por rainha das flores aclamada  
Quis o prado, que o certo participe  
Vida de flor, adonde se antecipe  
Aos anos a gadanha coroadada.

Morrer de flor é morte de formosa,  
E sem junções de flor nasceras peca,  
Que a pensão de acabar te fez pomposa.

Não peca em fama, quem na morte peca,  
Nácar nasceste, e eras fresca rosa:  
O vento te murchou, e és rosa seca.

## **EPITAFIO À MESMA BELLEZA SEPULTADA.**

Vemos a luz (ó caminhante espera)  
De todas, quantas brilham, mais pomposa,  
Vemos a mais florida Primavera,  
Vemos a madrugada mais formosa:  
Vemos a gala da luzente esfera,

Vemos a flor das flores mais lustrosa  
Em terra, em pó, em cinza reduzida:  
Quem te teme, ou te estima, ó morte, olvida.

**LIZONGEA O POETA A VASCO DE SOUZA FAZENDO EM SEU NOME ESTA  
LACRIMIMOSA NENIA.**

Morreste, Ninfa bela,  
na florescente idade:  
nasceste para flor,  
como flor acabaste.

Viu-te a Alva no berço,  
a Véspera no jaspe,  
mimo foste da Aurora,  
a lástima da tarde.

O nácar, e os alvares  
da tua mocidade  
foram, se não mantilhas,  
mortalha a teus donaires.

Oh nunca flor nasceras,  
Se imitando-as tão frágil,  
no âmbar de tuas folhas  
te ungiste, e te enterraste.

Morreste, e logo Amor  
quebrou arco, e carcasses;  
que muito se lhe faltas,  
que logo se desarme?

Ninguém há neste monte,  
ninguém naquele vale,  
o cortesão discreto,  
o pastor ignorante:

Que teu fim não lamente,  
dando aos quietos ares  
já fúnebres endechas,  
já trágicos romances.

O eco, que responde  
a qualquer voz do vale,  
já agora só repete  
meus suspiros constantes.

A árvore mais forte,  
que gemia aos combates  
do vento, que a meneia  
ou do raio, que a parte,

Hoje geme, hoje chora  
com lamento mais grave  
forças da tua estrela  
mais que a força dos ares.

Os Ciprestes já negam  
às aves hospedagem,  
porque gemendo tristes,  
andam voando graves.

Tudo enfim se trocou,  
montes, penhas, e vales,  
o penedo insensível,  
o tronco vegetável.

Só eu constante, e firme  
choro o teu duro transe,  
o mesmo triste sempre  
por toda a eternidade.

Ó alma generosa,  
a quem o Céu triunfante  
usurpou a meus olhos  
para ser lá deidade.

Aqui onde o Caípe  
já te erigiu altares  
por Deusa destes montes,  
e por flor destes vales:

Agrário o teu Pastor  
não te forma de jaspes  
sepulcro a tuas cinzas  
túmulo a teu cadáver.

Mas em lágrimas tristes,  
e suspiros constantes  
de um mar tira dois rios,  
de um rio faz dois mares.

**LIZONGEA OS SENTIMENTOS DE DONA VICTORIA COM ESTE SONETO FEYTO EM  
SEU NOME.**

Alma ditosa, que na empírea corte  
Pisando estrelas vais de sol vestida,  
Alegres com te ver fomos na vida,  
Tristes com te perder somos na morte.

Rosa encarnada, que por dura sorte  
Sem tempo do rosal foste colhida,  
Inda que melhoraste na partida,  
Não sofre, quem te amou, pena tão forte.

Não sei, como tão cedo te partiste  
Da triste Mãe, que tanto contentaste,  
Pois partindo-te, a alma me partiste.

Oh que cruel comigo te mostraste!  
Pois quando a maior glória te subiste,  
Então na maior pena me deixaste.

**LIZONGEA O SENTIMENTO DE FRANCISCO MONIZ DE SOUZA SEU IRMÃO  
FAZENDO EM SEU NOME ESTE SONETO.**

Flor em botão nascida, e já cortada,  
Tiranamente murcha em flor nascida,  
Que nos primeiros átomos da vida,  
Quando apenas sois nada, não sois nada.

Quem vos despiu a púrpura corada?  
Como assim da beleza estais despida?  
Mas ah Parca cruel! Morte atrevida!  
Por que cortaste a flor mais engraçada?

Porém que importa, bem que me desvela  
Na flor o golpe, se maior ventura  
Vos prometo no Céu, bela Teresa.

De flor ao Céu passais a ser estrela,  
E não perde de flor a formosura,  
Quem no Céu melhor flor logra a beleza.

**PERTENDE O POETA CONSOLAR O EXCESSIVO SENTIMENTO DE VASCO DE  
SOUZA COM ESTE SONETO**

Sôbolos rios, sôbolas torrentes  
De Babilônia o Povo ali oprimido  
Cantava ausente, triste, e afligido  
Memórias de Sião, que tem presentes.

Sôbolas do Caípe águas correntes  
Um peito melancólico, e sentido  
Um anjo chora em cinzas reduzido,  
Que são bens reputados sobre ausentes.

Para que é mais idade, ou mais um ano,  
Em quem por privilégio, e natureza  
Nasceu flor, a quem um sol faz tanto dano?

Vossa prudência pois em tal dureza  
Não sinta a dor, e tome o desengano  
Que um dia é eternidade da beleza.

**A VISTA DO EXCESSO DE VASCO DE SOUZA PONDERA O POETA, QUE O VERDADEIRO AMOR, AINDA TIRADA A CAUSA NÃO CESSA NOS EFEITOS, CONTRA A REGRA DE ARISTOTELES.**

Errada a conclusão hoje conheça  
O Mestre, que mais douto na ciência  
Nos deixou em prólogo sem falência,  
Que em a causa cessando, o efeito cessa.

Porque a dor de um Magoadado nos confessa,  
Que arrastou a Beleza com violência,  
Que o que efeito causara uma assistência,  
Apartado da causa então começa:

Apartada a Beleza inda lhe causa  
Um efeito tão forte, que suspeito,  
Que não tem inda a causa feito pausa.

Porque já em domínios de seu peito,  
Se na vida a rendia como causa,  
Hoje o vence na morte pelo efeito.

**LINZONGEA FINALMENTE O POETA COM ESTAS MORALIDADES TRISTES DE HUMANA VIDA FLORECENTE PELAS FRIAS VOCES DAQUELLA SEPULTADA BELLEZA SUA FORMOSAS IRMÃS, AVIVANDOLHE OS MOTIVOS DA DOR.**

MOTE

Ya que flor, mis Flores, fui  
Vuestro exemplo aora soy,  
pues de flor a sol subi,  
y oy de mi aun sombras doy.

- 1 En flor, mis Flores, se muere,  
quien en la vida fué flor,  
que es la muerte com rigor  
de las Flores Malmequiere:  
quien de vosotras se huviere  
desconocido haste aqui,  
su triste flor veyá en mi  
como en un puro cristal,  
que espejo soy de su mal,  
ya que flor, mis Flores, fui.
- 2 Triunfar, Flores, en effecto  
ya me visteis de la suerte,  
si mal me quiso la muerte,  
siempre he sido Amor perfecto:  
desengañada os prometto  
de la ceniza, en que estoy,  
pues al sepulchro me voy,

Flores, para que nasci,  
que si Perpetua no fui,  
Vuestro exemplo aora soy.

3 de aqueste jardin de Flora,  
que flagra oloroso aliento,  
ya fui gallardo elemento,  
ya fui bellissima aurora:  
pero, mis Flores, aora  
nada soy, de lo que fui,  
bien que los habitos di,  
con que a los astros llegué,  
y en el cielo me quedé,  
Pues de flor e sol subi.

4 Alerta, Flores, que ayrada  
la rnuerte uzurpa las flores,  
en quien colores, y olores  
son exemplos de la nada:  
alerta pues que prostada  
mis brios llorando estoy;  
lo que va de ayer a oy  
aprended de um muerto sol,  
que ayer candido arrebol,  
y oy de mi aun sombras doy.

**DESTA VEZ SE DEIXOU O POETA ESQUECER NAQUELLA CASA, ESPERANDO  
OCCASIÃO DE DECLARAR SE, E SEMPRE SE ACOBARDOU A VISTA DA  
CAUSA,  
SEMPRE EM LUTAS COM O AMOR, E RESPEYTO.**

#### MOTE

Muero por dizir mi mal,  
Va-me la vida en callar.

1 Dos vezes muerto me hallo  
de los arpones de Amor,  
una al dizir mi dolor,  
y otra vez quando lo callo.  
No sé corno remediarllo,  
pues su implicacion es tal,  
que hazes mi dolor mortal,  
y con peligro tan fiero,  
que quando por callar muero,  
Muero por dizir mi mal.

2 Aqui el contrario no es medio  
de curar a su contrario,  
porque el remedio ordinario  
no es para mi mal remedio:  
yo tengo un azar, um tedio  
a todo, lo que es sanar,  
porque todo es peligrar;  
si callo, pierdo la vida,

y si digo, mi homicida,  
Va-me la vida en callar.

### **ADMIRAVEL EXPRESSÃO QUE FAZ O POETA DE SEU ATENCIOSO SILENCIO.**

Largo em sentir, em respirar sucinto  
Peno, e calo tão fino, e tão atento,  
Que fazendo disfarce do tormento  
Mostro, que o não padeço, e sei, que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,  
Dentro no coração é, que o sustento,  
Com que para penar é sentimento,  
Para não se entender é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;  
Da tempestade é o estrondo efeito:  
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!  
Pois não me chegam a vir à boca os tiros  
Dos combates, que vão dentro no peito.

### **TERCEIRA IMPACIENCIA DOS DESFAVORES DE SUA SENHORA.**

Dama cruel, quem quer que vós sejais,  
Que não quero, nem posso descobrir-vos,  
Dai-me agora licença de argüir-vos,  
Pois para amar-vos tanto me negais.

Por que razão de ingrata vos prezais,  
Não pagando-me o zelo de servir-vos?  
Sem dúvida deveis de persuadir-vos  
Que a ingratidão a formosenta mais.

Não há cousa mais feia na verdade;  
Se a ingratidão aos nobres envilece,  
Que beleza fará uma fealdade?

Depois que sois ingrata, me parece  
Torpeza hoje, o que ontem foi beldade  
E flor a ingratidão, que em flor fenece.

### **ENCARECE O POETA A GRAÇA E A BIZARRIA COM QUE SUA SENHORA DESEMBARCOU A SEUS OLHOS E FOY LEVADA POR QUATRO ESCRAVOS.**

1 Esperando uma bonança,  
cansado já de esperar  
um pescador, que no mar  
tinha toda a confiança:  
receoso da tardança

de um dia, e mais outro dia  
pela praia discorria,  
quando aos olhos de repente  
uma onda lhe pôs patente,  
quanto uma ausência encobria.

- 2 Entre as ondas flutuando  
um vulto se divisava,  
sendo, que mais flutuava,  
quem por ela está aguardando:  
e como maior julgando  
o tormento da demora  
como se Leandro fora,  
lançar-se ao mar pertendia,  
quando entre seus olhos via  
quem dentro em seu peito mora.
- 3 Mora em seu peito uma ingrata  
tão bela ingrata, que adrede  
pescando as demais com rede,  
ela só com a vista mata:  
as redes, de que não trata  
vinha agora recolhendo;  
porque como estava vendo  
todo o mar feito uma serra,  
vem pescar almas à terra,  
de amor pescadora sendo.
- 4 Logo que à praia chegou,  
tratou de desembarcar,  
mas sair o sol do mar  
só esta vez se admirou:  
tão galharda enfim saltou,  
que quem tão galharda a via,  
justamente presumia,  
para mais abono seu,  
que era Vênus, que nasceu  
do mar, pois do mar saía.
- 5 Pôs os pés na branca areia,  
que comparada cos pés  
ficou pez, em que lhe pes,  
porque em vê-la a areia areia:  
pisando a margem, que alheia  
de um arroio os dois extremos,  
todos julgamos, e cremos  
Galatéia a Ninfa bela,  
pois bem que vimos a Estrela,  
fomos cegos Polifemos.
- 6 Toda a concha, e toda a ostrinha,  
que na praia achou, a brio,  
mas nenhum aljôfar viu,  
que todos na boca tinha:

porém se em qualquer conchinha  
pérolas o sol produz,  
daqui certo se deduz,  
que onde quer, que punha os olhos,  
produz pérolas a molhos  
pois de dois sóis logra a luz.

- 7 Em uma portátil silha  
ocaso a seu sol entrou,  
e pois tal peso levou,  
não sentiu peso a quadilha:  
vendo tanta maravilha  
tanta luz de monte a monte,  
abrasar-se o Horizonte,  
temi com tanto arrebol,  
pois sobre as Pias do sol  
ia o carro de Faetonte.

## **OUTRA VEZ O ASSALTÃO NOVOS PENSAMENTOS DE DECLARAR-SE, E TEMER.**

### MOTE

Ay de ti, pobre cuydado,  
que en la carcel del silencio  
has de tener tu razon,  
porque lo manda el respeyto.

- 1 Si por fuerça del respeyto,  
ou floxedad de alvedrio  
nasciste, cuydado mio,  
tan captivo, y tan sugeto:  
y aun eres tan indiscreto,  
que de nescio, y porfiado  
quieres por lo bien hablado  
librar tu innocencia mucha,  
con quien te riñe y no escucha,  
Ay de ti, pobre cuydado.
- 2 Cessa y serás escuchado,  
que en la queixa de un tormento  
las voces se lleva el viento,  
no el alivio, que es passado:  
calla, y no hables deslumbrado  
al dueño, à quien reverencio,  
y sien la quietud, que agencio,  
conviene, que mi razon  
se prenda, que mas prision,  
Que en la carcel del silencio
- 3 Mi concejo esto contiene,  
y porque mejor se entienda,  
antes la razon se prenda,  
que quien la rason se tiene:

la prudencia lo previene  
con viva demonstracion:  
tener quieres duracion?  
luego debes entender,  
que para rason tener  
Has de tener tu rason.

- 4 Y pues dizirla es perderla,  
porque hablada va perdida,  
tenla en tu pecho escondida,  
que assi vendras a tenerla:  
no temas el no entenderla  
de tu silencio el objecto:  
pues callando te prometto,  
que en prueba de mis lealdades  
sepan, que callé verdades,  
Porque lo manda el respeto.

**A VISTA DE HUM PENHASCO QUE VERTENDO FRIGIDISSIMAS AGUAS LHE  
CHAMÃO NO CAIPPE A FONTE DO PARAIZO, IMAGINA AGORA O POETA MENOS  
TOLERAVEL A SUA DISSIMULAÇÃO.**

Como exalas, Penhasco, o licor puro,  
Lacrimante a floresta lisonjeando,  
Se choras por ser duro, isso é ser brando,  
Se choras por ser brando, isso é ser duro.

Eu, que o rigor lisonjear procuro,  
No mal me rio, dura penha, amando;  
Tu, penha, sentimentos ostentando,  
Que enterneces a selva, te asseguro.

Se a desmentir objetos me desvio,  
Prantos, que o peito banham, corroboro  
De teu brotado humor, regato frio.

Chora festivo já, ó cristal sonoro,  
Que quanto choras, se converte em rio,  
E quanto eu rio, se converte em choro.

**COM O EXEMPLO DO LACRIMOSO PENHASCO ENTRA A SUSPIRAR, FAZ PAUSA, E  
RESOLVE ULTIMAMENTE A PROSEGUIR, RESGATANDO O SILENCIO A NOBREZA  
DA CAUSA.**

Suspiros, que pertendeis  
Com tanta despesa de ais,  
Se quando um alívio achais,  
todo um segredo rompeis?

Não vedes, que a opinião  
sente o segredo rompido,

quando no alívio adquirido  
Consta a sua perdição?

Não vedes, que se acompanha  
o desafogo do peito,  
mais se perde no respeito,  
do que no alívio se ganha?

Não vedes, que o suspirar  
diminui o sentimento,  
usurpando ao rendimento  
tudo, quanto dais ao ar?

Mas direis, que uma tristeza  
publica a sua desgraça,  
porque o silêncio não faça  
inútil sua fineza.

Direis bem, que o padecer  
da beleza é pundonor,  
e guardar segredo à dor  
será agravar seu poder.

Eia, pois, coração louco,  
suspirai, dai vento ao vento,  
que tão grande sentimento  
não periga com tão pouco.

Quem disser, que suspirais  
por dar à dor desafogo,  
dizei-lhe, que tanto fogo  
ao vento se acende mais.

Não caleis, suspiros tristes,  
que importa pouco o segredo  
e jamais me vereis ledos,  
como algum tempo me vistes.

**EM CONTRAPOSIÇÃO DO QUE RESOLVEO, SE ENTREGA O POETA NOVAMENTE  
AO SILENCIO, RESPEYTANDO, A QUE OS SUSPIROS POSTO QUE CONSOLÃO,  
NÃO ALLIVIÃO POR MENOS NOBRES.**

MOTE

Ay de ti, que en tus suspiros  
has de lograr el consuelo,  
no el alivio, que es culpar  
la atención del rendimiento.

1      Coração: siente tu anhelo,  
que quien gime en su tormento,  
no haze agravio al sentimiento,  
si hallo en sentir consuelo:

gime dentro en tu desvelo,  
que ni te oygan tus retiros,  
mas si la nota haze tiros,  
ay de ti, que en tus razones  
faltas a las submisiones?  
Ay de ti, que en tus suspiros!

2 Ay de ti, pobre cuydado,  
que en un suspiro sentido  
si ganas lo divertido  
no pierdes lo desdichado!  
ay de ti, que desahogado  
al ayre vital del cielo  
no creyo, que en tu desvelo  
algun alivio consigas,  
ni pienso, que en tus fadigas  
Has de lograr el consuelo.

3 Si el consuelo se quedó,  
en quien suspira, en quien llora,  
quede el consuelo en buen hora,  
mas el alívio esso nó:  
el consuelo podrè yo  
en un triste assegurar  
que el dar suspiros al viento  
es culpa del sentimiento  
No el alivio, que es culpar.

4 No se alivia, el que suspira,  
si gimiendo se consuela,  
que como el gimir anhela,  
del alivio se retira:  
ten pues, cuydado, la mira,  
en que no floxa el tormento,  
viva intacto el sentimiento,  
que bien el de coro observa,  
quien siente, calla, y reserva  
la atencion del rendimiento

**PORFIA O POETA EM LOUVAR SEU NECESSARIO SIIENCIO, COMO QUEM FAZ  
VIRTUDE DA NECESSIDADE.**

MOTE

Sentir por solo sentir  
es el sentir verdadero,  
que en saber sentir está  
el premio del sentimiento. 1

Coraçon: suffre, y padece,  
que quien alivia el tormento  
el premio del sufrimiento  
nesciamente desmerece:  
siente, y en tus dolores cresce:

suffre, que solo el sufrir  
sera el medio de luzir:  
calla, que la causa es tal,  
que está mandando a tu mal  
Sentir por solo sentir.

- 2 Sentir, sufrir, y callar  
medio será de salvar-te:  
pero no sientan llorar-te  
porque es arte de aliviar:  
el sufrimiento hade estar  
sugeto al arpon severo,  
evitando el ser grossero  
con silencio, o con rason,  
que sentir sin reflexion  
Es el sentir verdadero.
- 3 No suffras, por mas sufrir,  
que en sufrir por merecer,  
la attencion hecha a perder,  
quando llega a competir:  
nada intentes conseguir,  
que es vana gloria, y quisá  
que todo se perderá:  
la mudez no es meritoria?  
Sabe sentir por la gloria,  
Que en saber sentir está.
- 4 Sabe, que ay indignacion,  
en quien te puede ultrajar,  
que ay aborrecer, y amar,  
mas no sepas la rason:  
siente tu injusta passion,  
mas no sepa el sufrimiento  
la causa de tu tormento:  
discurre sin discurrir,  
que hallarás en tu sentir  
El premio del sentimiento.

**PERTENDE AGORA PERSUADIR A HUM RIBEYRINHO A QUE NÃO CORRA,  
TEMENDO, QUE SE PERCA: QUE HE MUY PROPRIO DE HUM LOUCO  
ENAMORADO QUERER QUE TODOS SIGAM O SEU GAPRICHIO. E RESOLVE A  
COBIÇARLHE A LIBERDADE.**

Como corres, arroio fugitivo?  
Adverte, pára, pois precipitado  
Corres soberbo, como o meu cuidado,  
Que sempre a despenhar-se corre altivo.

Toma atrás, considera discursivo,  
Que esse curso, que levas apressado,  
No taminho. que emprendes despenhado  
Te deixa morto, e me retrata ao vivo.

Porém corre, não pares, pois o intento,  
Que teu desejo conseguir procura,  
Logra o ditoso fim do pensamento.

Triste de um pensamento sem ventura!  
Que tendo venturoso o nascimento,  
Não acha assim ditosa a sepultura.

### **SOLITARIO EM SEU MESMO QUARTO A VISTA DA LUZ DO CANDIEYRO PORFIA O POETA PENSAMENTEAR EXEMPLOS DE SEU AMOR NA BARBOLETA.**

Ó tu do meu amor fiel traslado  
Mariposa entre as chamas consumida,  
Pois se à força do ardor perdes a vida,  
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,  
Essa flama girando apetecida;  
Eu girando uma penha endurecida,  
No fogo que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas,  
Tu a vida deixas, eu a morte imploro  
Nas constancias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! que a diferença entre nós choro,  
Pois acabando tu ao fogo, que amas,  
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

### **RATIFICA SUA FIDALGA RESOLUÇÃO TIRANDO DENTRE SALAMANDRA E BARBOLETA O MAIS SEGURO DOCUMENTO PARA BEM AMAR.**

Renasce Fênix quase amortecida.  
Barboleta no incêndio desmaiada:  
Porém se amando vives abrasada,  
Ai como temo morras entendida!

Se te parece estar restituída,  
No que te julgo já ressuscitada,  
Quanto emprendes de vida renovada,  
Te receio na morte envelhecida.

Mas se em fogo de amor ardendo nasces,  
Barboleta, o contrário mal discorres,  
Que para eterna pena redivives.

Reconcentra esse ardor, com que renasces,  
Que se qual Barboleta em fogo morres,  
É melhor, Salamandra, o de que vives.

**AO RIO DE CAIPPE RECORRE QUEYXOSO O POETA DE QUE SUA SENHORA  
ADMITTE POR ESPOSO OUTRO SUJEITO**

Suspende o curso, ó Rio, retrocido,  
Tu, que vens a morrer, adonde eu morro,  
Enquanto contra amor me dá socorro  
Algum divertimento, algum olvido.

Não corras lisonjeiro, e divertido.  
Quando em fogo de amor a ti recorro  
E quando o mesmo incêndio, em que me torro,  
Teu vizinho cristal tem já vertido.

Pois já meu pranto inunda teus escolhos,  
Não corras, não te alegres, não te rias,  
Nem prateies verdores, cinge abrolhos.

Que não é bem, que tuas águas frias,  
Sendo o pranto chorado dos meus olhos,  
Tenham que rir em minhas agonias.

**IMAGEM SINGULAR DE SUA DESESPERADA PAYXAO, VENDO QUE SUA SENHORA  
SEM EMBARGO DE RECEBERLHES SEUS AMOROSOS DIVERTIMENTOS,  
ACEYTAVA EM CASAMENTO HUM SUGEYTO MUYTO DA VONTADEDE DE SEUS  
PAYS: MAS NEM ESTAS, NEM OUTRAS OBRAS OUSAVA ELLE A CONFIAR MAIS  
QUE DO SEU BAUL.**

Enfim, pois vossa mercê  
não ignora, que é forgo  
acomodar co'as desgraças,  
e desbaratar ao gosto:  
Ouça os últimos suspiros,  
de quem no extremo amoroso  
fala com língua de mágoas,  
sente com vozes de fogo.  
Que nestas minhas ofensas,  
e nestes termos suponho,  
que fez dita o meu afeto,  
do que você fez estorvo.  
Pois adorando excessivo,  
o que não logrou ditoso,  
só da esperança fez caso,  
sem dar ousadia ao logro.  
Parecia-me, que nunca  
chegasse a ser perigoso  
venerar no pensamento  
faisas idéias de um gosto.  
Mas conhecendo mentiras,  
quanto me disse o alvoroço,  
repiro agora, o que quis  
fazendo negaça ao gosto:  
Que como em você conhego,

que lhe será mui custoso  
sem fazer da pena opróbrio:  
Vendo, que minha esperança  
acha o bem dificultoso,  
e se encontra coas desgraças  
na observação do decoro.  
Advirto a minha razão  
nos extremos de queixoso  
com a raiva da fineza  
como refúgio do choro.  
Porque limitando a pena  
àquele afeto amoroso,  
cuja firmeza eterniza,  
por alívio o desafogo!  
Quero, se é, que pode ser  
querer, quem por tantos modos  
nem para querer lhe deixa  
ação tão tirano afogo!  
Que veja você sepulta  
a presunção do alvoroço,  
que na esperança da posse  
era o caminho do logro.  
Para que em mudos suspiros  
melhor segurem meus olhos,  
que a influência de estrela  
só neste estado me há posto.  
E assim só dela. me queixo,  
porque fora lance impróprio  
clamar contra as divindades  
nesta queixa, que a Amor formo.  
Com que advertir-lhe é preciso,  
que de tudo, o que me dão,  
na execução de agravo  
as glórias julgo por sonho.  
Pois se cheguei a adorar,  
foi preciso tão notório  
do destino, a que rendido  
para este fim nasci logo,  
E o pertender suspirando  
com um desvelo, e com outro  
foram protestos do incêndio,  
foi do excessivo acordo.  
Idolstrar um prodígio,  
não foi prodígio, nem noto,  
que o rendimento, e desvelo  
ficassem acaso opostos:  
Porque advertindo, que o céu,  
e o Planeta Luminoso  
juraram pleito homenagem  
na beleza desse rosto:  
O conhecer Liberdade  
à vista de tanto assombro  
fora, perdendo os sentidos  
ser indiscreto e ser louco.

## CHORA O POETA A ULTIMA RESOLUÇÃO DE SEU IDOLATRADO IMPOSSIVEL TAM MEREDEDORA DESTES DELICADOS VERSOS.

Alto: divino impossível,  
de cuja dificuldade,  
formosura, e discrição  
qual é maior, não se sabe.  
Se impossível pelo estado,  
a dificuldade é grande,  
pois casada, e a teu gosto  
que força há de conquistar-te?  
Se impossível na dureza,  
a ser pedra incontrastável,  
basta ser de lavradora,  
para que nunca se lavre.  
Se impossível pelo estorvo  
da família vigilante  
é o impossível maior,  
que ao meu coração combate.  
Mas se és, divino impossível,  
de tão alta divindade,  
creio, que esperanças mortas  
ressurgirás a milagres.  
Se és um milagre composto  
de neve incendiada em sangue,  
e sempre o Céu de tou rosto,  
mostra dois astros brilhantes:  
As mãos umas maravilhas,  
um par de jesmins as faces,  
o corpo um garbo vivente.  
os pés um vivo donaire:  
Se são milagres divinos,  
Francelinda, as tuas partes,  
para viver, quem te adora,  
que farás. senão milagres!  
Dá-me por milagre a vida  
na esperança de lograr-te,  
verás ressurgir com glória  
uma esperança cadáver.  
E se és enigma escondido,  
eu sou segredo inviolável,  
pois ouves, e não percebes,  
quem te diz, o que não sabes.  
De que selve a discrição,  
com que o teu nome ilustraste,  
sendo a Palas destes tempos,  
Minerva destas idades.  
Discorre em tuas memórias  
os dias, manhãs, e tardes,  
que foste emprego de uns olhos,  
que mudamente escutaste.  
Porque uns olhos, que atrevidos  
registam a divindade

são sempre d'alma rendida  
emudecidas linguagens.  
Lembra-te, que em tua casa,  
onde cortês me hospedaste,  
não me guardaste o seguro  
das leis da hospitalidade.  
Por que matando-me entonces  
traidoramente suave  
me calei eu, por guardar  
essas leis, que tu violaste.  
Se inda não cais, em quem sou,  
porque me estrova explicar-me  
de uma parte o teu decoro,  
e o meu temor de outra parte.  
Terei paciência por ora,  
té que me tire os disfarces  
Amor, que com se vendar,  
me deu lições de vendar-me.  
E se penetras, quem sou,  
porque já o conjeturaste,  
e escolhes de pura ingrata  
não crer-me, por não pagar-me:  
Recorre à tua beleza,  
que sei, que ela há de obrigar-te  
a crer, que em minhas finezas  
corto por muitas verdades.  
E pois me toca pesar  
as tuas dificuldades,  
e a ti tua formosura  
e discrição pesar cabe.  
Julguemos ambos de dois,  
qual dá cuidado mais grande,  
formosura, e discrição,  
ou tantas dificuldades.

### **CHORA O POETA DE HUMA VEZ PERDIDAS ESTAS ESPERANÇAS.**

A Deus vão pensamento, a Deus cuidado,  
Que eu te mando de casa despedido,  
Porque sendo de uns olhos bem nascido  
Foste com desapego mai criado.

Nasceste de um acaso não pensado,  
E cresceu-te um olhar pouco advertido,  
Criou-te o esperar de um entendido.  
E às mãos morreste de um desesperado:

Ícaro foste, que atrevidamente  
Te renontaste à esfera da luz pura,  
De donde te arrojou teu vôo ardente.

Fiar no sol, é irracional loucura,  
Porque nesse brandão dos céus luzente  
Falta a razão, se sobra a formosura.

**VAGAVA O POETA POR AQUELLES RETIROS FILOSOFANDO EM SUA DESDITA  
SEM PODER DESAPEGAR AS HARPIAS DE SEU JUSTO SENTIMENTO.**

Quem viu mal como o meu sem meio ativo!  
Pois no que me sustenta, e me maltrata,  
É fero, quando a morte me dilata,  
Quando a vida me tira, é compassivo.

Oh do meu padecer alto motivo!  
Mas oh do meu martírio pena ingrata!  
Uma vez inconstante, pois me mata,  
Muitas vezes ctuel, pois me tem vivo.

Já não há de remédio confianças;  
Que a morte a destruir não tem alentos,  
Quando a vida empenar não tem mudanças.

E quer meu mal dobrando os meus tormentos,  
Que esteja morto para as esperanças,  
E que ande vivo para os sentimentos.

**AO PÉ DAQUELLE PENHASCO LACRIMOSO QUE JA DICEMOS PERTENDE  
MODERAR SEU SENTIMENTO, E RESOLVE, QUE A SOLEDADE Ó NÃO ALIVIA.**

Na parte da espessura mais sombria,  
Onde uma fonte de um rochedo nasce,  
Com os olhos na fonte, a mão na face,  
Sentado o Pastor Sílvio assim dizia.

Ai como me mentiu a fantasia  
Cuidando nesta estância repousasse!  
Que muito a sede nunca mitigasse,  
Se cresce da saudade a hidropisia.

Solte o Zéfiro brando os seus alentos,  
E excite no meu peito amantes fráguas,  
Que subam da corrente os movimentos.

Que é irana oficina para as mágoas  
Ouvir nas folhas combater os ventos,  
Por entre as pedras murmurar as águas.